

Sustentabilidade

Emissões da Região Norte do RS são proporcionalmente menores



Apesar de não figurar no mapa com maior participação nas emissões, Norte gaúcho tem muito a contribuir para a retenção do carbono no solo

Municípios geram 21% do PIB gaúcho, mas emitem 18,8% dos gases do efeito estufa no RS

O estímulo ao manejo correto, o plantio direto, a cobertura do solo e a rotação de culturas representam a possibilidade de evitar o agravamento dos efeitos das mudanças climáticas. Entre o Norte e o Noroeste do Estado, estão concentrados 21% do PIB gaúcho – a segunda região em importância nesse cenário. Os 221 municípios

As emissões de carbono na Região Norte do RS

Passo Fundo é o único município da região entre os 600 maiores emissores de gases do efeito estufa no Brasil

A região das Missões tem a maior pegada de carbono neste recorte do Estado, mas também o maior volume de gases capturados

Maiores emissores de carbono

- ▶ Passo Fundo: 639,2 quilotoneladas (kt)
- ▶ Santo Antônio das Missões: 534,5 kt
- ▶ Santo Ângelo: 519 kt
- ▶ Ijuí: 500 kt
- ▶ São Luiz Gonzaga: 446,9 kt

Maiores “sequestradores” de carbono

- ▶ Santo Antônio das Missões: 171 kt
- ▶ Bossoroca: 78,1 kt
- ▶ Fontoura Xavier: 44,1 kt
- ▶ Barros Cassal: 41,6 kt
- ▶ São Luiz Gonzaga: 40,4 kt

FONTE: SEEG 2022

retratados neste Mapa Econômico respondem por 18,8% das emissões causadoras do efeito estufa no Estado.

Não são as regiões de maior contribuição para este índice preocupante, mas, pela predominância das atividades no campo – e pelo avanço de medidas sustentáveis –, aquelas que mais podem contribuir para o sequestro ou retenção do carbono no solo. Hoje, porém, a região só neutraliza 11,1% das suas emissões. Abaixo dos 14,1% quando se consideram todos os municípios do Estado.

Passo Fundo, o município de maior volume de emissões de gases causadores do efeito estufa dessa parte do Estado – e 556º no Brasil –, em 2022 neutralizava só 4,5% das suas

emissões. O segundo município com maior índice de emissões é Santo Antônio das Missões, no entanto, é somente o 891º no Brasil. Isso porque é justamente na região das Missões que ações como a irrigação mais se disseminam, preservando o solo e evitando o avanço da lavoura, por exemplo, sobre áreas de vegetação secundária.

Pensando na importância de ações que ao mesmo tempo garantam produtividade e tornem mais limpa a produção rural, a 3tentos, uma das maiores empresas do setor no Estado, com faturamento superior a R\$ 8 bilhões no último ano, desenvolve há dois anos o programa Selo Carbono, em conjunto com o programa Produzir+. De

um lado, a empresa assessora os produtores na melhoria das práticas, de outro, atesta em relatórios o avanço em direção à neutralização de carbono e, depois, em um posicionamento do Estado no mercado de carbono.

“Mesmo que ainda não represente um ganho econômico real, com o mercado de carbono, o produtor percebe que as melhorias no manejo e a preservação da vegetação ajudam no microclima da região, combatem pragas e reforçam o solo. Na prática, conservar o meio ambiente e adotar práticas de manejo mais sustentáveis favorece a todo o sistema produtivo”, explica a coordenadora do programa Selo Carbono e gerente de sustentabilidade da 3tentos, Márcia Bisol.

Selo Carbono amplia trabalho com produtores de soja

O programa Selo Carbono iniciou há dois anos, com 40 produtores de soja. No ano seguinte, 400 produtores gaúchos, exclusivamente de soja, já tinham suas lavouras avaliadas pelos critérios de emissões. Ao ingressar no programa, o produtor recebe na sua propriedade os técnicos, que aplicam um questionário incluindo desde o levantamento de insumos usados no cultivo da soja até o manejo da lavoura. O resultado é uma nota e o tamanho da pegada de carbono daquela propriedade. Um relatório, comparando com outras pegadas, é gerado. A propriedade aprovada no programa recebe o selo de Soja de Baixa Emissão.

Conforme dados da 3tentos, o potencial do agro gaúcho de

neutralizar ou reter carbono no solo se comprova pelos números. A pegada da soja gaúcha é considerada de alta eficiência, de 450 kg de carbono por hectare, 40% a menos do que a pegada média de 750 kg do Brasil. Nos Estados Unidos, são 1,1 mil kg por hectare para o mesmo tipo de produção, e na Europa, pior ainda, 1,2 mil kg.

“Representa alto potencial para o mercado de carbono, que é o próximo passo. E aí também avançaremos em outras análises. Hoje, o programa se limita à soja, mas o ideal é avaliarmos todas as práticas da fazenda, inclusive com as demais culturas que são desenvolvidas naquele solo”, diz Márcia.

O desafio, explica a especialista, é produzir mais por

hectare, com os mesmos recursos. A soja é uma planta de ciclo bastante curto, toda a vez que ela é colhida, se o solo estiver descoberto, são liberados para a atmosfera gases que estavam na terra. E o suporte para evitar isso, e garantir na propriedade a reserva de nutrientes, também é desenvolvido pela empresa, em uma lógica, como explica o coordenador do programa Produzir+ e gerente de agricultura de precisão da 3tentos, Fernando Bavaresco, de “ganha-ganha”.

A 3tentos atende em torno de 20 mil clientes no RS, com 130 consultores em agricultura de precisão. Eles fazem o diagnóstico das propriedades com o objetivo de otimizar a produção, inclusive com a indicação de cultivares para cada ambiente.

Redução de carbono valoriza maior bacia leiteira do RS

A bacia leiteira do Noroeste do Rio Grande do Sul foi responsável por quase 70% dos 3 bilhões de litros de leite produzidos no Estado em 2023. Mesmo com uma redução de até 50% no número de produtores gaúchos entre 2015 e 2023, a produtividade no RS vem em ritmo crescente. E com ela, também evoluem ações para redução de emissões e maior sustentabilidade na bovinocultura leiteira.

A CCGL, de Cruz Alta, lidera, ao lado da Embrapa Trigo, a chamada Operação 365, que nada mais é do que a manutenção do solo coberto nas propriedades todos os dias do ano. O programa, ainda em fase de implantação, roda em 10 cooperativas.

A partir das análises químicas e biológicas de talhões nas propriedades rurais, são criados índices de qualidade de manejo. Conforme a Embrapa, há diferença de até 40% na produtividade de acordo com o tipo de manejo.

“O objetivo da Operação 365 é garantir benefício ao produtor mais comprometido com a sustentabilidade”, disse em um evento de qualificação do programa na Cotrisal, em Sarandi, o gerente de pesquisa da CCGL, Geomar Corassa.

A maior bacia leiteira do Rio Grande do Sul

Saem do Noroeste gaúcho 67% da produção do leite gaúcho.

O Estado é o 4º maior produtor do país e o 3º maior exportador.

Municípios produtores:

- ▶ Santo Cristo
- ▶ Augusto Pestana
- ▶ Crissiumal
- ▶ Ibirubá
- ▶ Marau

FONTE: SECRETARIA ESTADUAL DA AGRICULTURA